



Brasília, 8 de maio de 2007



Sindicato pára agências e inicia resposta ao pacote

O Sindicato realizou manifestação durante toda a manhã desta segunda-feira 7 em frente aos edifícios Sede I e Sede III do Banco do Brasil e paralisou até o meio-dia as três maiores agências do BB no Distrito Federal, em protesto contra o pacote que a direção da empresa acaba de anunciar, que provocará demissões, fechamento de unidades e ampliação da terceirização. O objetivo principal dos protestos é forçar o banco a rever sua decisão e abrir um processo de negociação com o movimento sindical.

A manifestação contou com a presença do presidente nacional da CUT, Artur Henrique da Silva Santos, que criticou duramente o pacote imposto pela direção do banco. “É uma irresponsabilidade da diretoria do BB com o projeto de valorização dos bancos públicos enquanto agentes do desenvolvimento e do crescimento econômico”, disse o presidente da CUT. “A mobilização é a única arma para defender os direitos dos trabalhadores.”

O presidente do Sindicato, Jacy Afonso, também denunciou a direção do BB. “O Banco do Lima e do Luiz está agindo na contramão das empresas públicas, que estão acabando com as terceirizações, e adota uma política autoritária semelhante às das gestões do governo FHC e dos bancos



O presidente da CUT, Artur Henrique, o presidente do Sindicato, Jacy Afonso, e o diretor Rodrigo Britto na manifestação em frente ao edifício Sede I do BB, realizada nesta segunda-feira (7) de manhã

privados”, acusou Afonso.

“O pacote representa uma falta de respeito inadmissível para com o funcionalismo do BB, uma vez que ele foi imposto de cima para baixo, sem diálogo com os bancários e com suas entidades representativas”, denunciou Rodrigo Britto, diretor do Sindicato.

Para protestar contra o pacote, os sindicatos ligados à Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf/CUT) também fizeram manifestações e paralisações de agências do BB em todo o país.

Plano de cargos e remuneração

O pacote da direção do BB, além de todos esses problemas, traz embutido um Plano de Cargos e Remuneração (PCR) que não atende as reivindicações do funcionalismo. “Queremos um novo PCC/PCS que corrija as distorções salariais, garanta a isonomia e implante a jornada de 6 horas”, diz Eduardo Araújo, diretor do Sindicato.

Denúncia à OAB

Em visita que fez à Ordem dos Advogados do Brasil

(OAB) depois das manifestações, para tratar do veto à Emenda 3 (que incentiva a precarização do trabalho), o presidente da CUT, Artur Henrique, denunciou o pacote do BB, que fechará unidades e ampliará a terceirização.

O presidente da OAB nacional, César Brito, manifestou estranheza com as medidas e disse que, caso o BB venha a ferir qualquer direito dos trabalhadores, deve ser comunicado ao Conselho Federal da Ordem, que tomará as devidas providências.

O presidente da CUT foi à OAB acompanhado do diretor do Sindicato Eduardo Araújo.

Superintendente de Varejo diz que não haverá prejuízos no DF

Após as manifestações e paralisações realizadas ontem em Brasília em protesto ao pacote da direção do Banco do Brasil, o Sindicato reuniu-se com o Superintendente de Varejo do BB no Distrito Federal, Luiz Carlos. Participaram do encontro o diretor do Sindicato Rodrigo Britto e o diretor da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf/CUT), Miguel Pereira.

O superintendente assumiu o compromisso de que no DF “não haverá perseguições e agenda oculta” e que



Miguel e Rodrigo (esq.) na reunião com o superintendente de Varejo e sua equipe

ninguém terá prejuízo. “Nenhum funcionário será prejudicado ou penalizado no Distrito Federal e, se for preciso, será analisado caso a caso”, comprometeu-se o superintendente.

O Sindicato está atento à rodada do sistema, que ocorrerá no dia 14 de maio, quando serão definidas as novas dotações das agências, provocando novos descomissionamentos. “O Sindicato está atento e cobrará esses compromissos”, avisa Rodrigo Britto, diretor do Sindicato.

Esta é a matéria paga que o Sindicato e a Contraf/CUT publicaram na edição de ontem do *Correio Braziliense*

FATO RELEVANTE

Após lucro de R\$ 6 bilhões, demissões no BB

O Banco do Brasil está lançando hoje, às vésperas de completar 200 anos, mais um programa de reestruturação envolvendo demissões, fechamento de unidades e terceirização de serviços. É a continuação do processo iniciado em 1995 no governo FHC.

Os funcionários do BB conhecem as consequências desses programas. Já enfrentaram em governos passados outros similares, como o *Abrindo a Caixa Preta*, *Novo Rosto*, *Plano de Demissões Voluntárias (PDV)*, *Plano de Adequação (PAQ)* e *Programa de Aposentadoria Incentivada (PAI)*.

Funcionários e funcionárias do país inteiro estão em estado de tensão máxima ante a perspectiva de medidas que prevêm fechamento de unidades e demissões. Representam uma agressão contra os mais de 85 mil trabalhadores do BB, que têm construído por anos seguidos os maiores lucros do Sistema Financeiro Nacional. Somente em 2006 foram R\$ 6 bilhões de lucro líquido.

A direção do BB, que se apresenta ao mercado como defensora das melhores práticas de governança corporativa, da transparência e de responsabilidade socioambiental, sequer procurou as entidades sindicais para discutir

um pacote que mexerá novamente com a vida de milhares de pessoas. E que certamente vai piorar o atendimento aos clientes.

É estranho que, enquanto o governo adota medidas para destravar gargalos para o crescimento da economia e do nível de emprego, uma empresa que tem a União como acionista controlador anuncie um pacote de medidas que vai na direção contrária ao que quer o governo federal. Pois redução de postos de trabalho, demissões e terceirização de serviços não têm sido o discurso do atual governo — e não é o que outras empresas públicas estão fazendo, inclusive a Caixa Econômica Federal, que estão acabando com a terceirização.

As medidas anunciadas hoje são típicas do pensamento dominante que ainda reina no Banco do Brasil, mesmo depois de quatro anos de Governo Lula. Predominam uma visão e uma prática semelhantes aos dos bancos privados, focadas exclusivamente na venda de produtos e na busca de lucros, desprezando o imprescindível papel estratégico que o BB pode e deve desempenhar para abaixar os juros, reduzir tarifas e fomentar o desenvolvimento econômico do país.

O funcionalismo do BB já denunciou inúmeras vezes esse desvirtuamento da função

que um banco público deve desempenhar para ajudar o Brasil a crescer, gerar empregos e ampliar a inclusão social.

O Sindicato dos Bancários de Brasília e a Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf/CUT) estão tomando uma série de medidas nos campos jurídico e político (o que inclui pedidos de audiências com os ministros da Fazenda, do Planejamento e do Trabalho e com o Ministério Público do Trabalho, além de gestões no Congresso Nacional) para impedir que o BB implemente essas medidas nocivas aos bancários e à sociedade brasileira. Do governo federal, responsável pela direção do banco, esperamos o mesmo sentimento, cobrando mudança de rota, pois um governo democrático e popular não pode concordar que seus subordinados apliquem medidas iguais às de governos passados, que tiveram resultados desastrosos para a empresa e para o funcionalismo. É isso o que os funcionários esperam do presidente Lula.

**Confederação Nacional dos
Trabalhadores do Ramo Financeiro
Sindicato dos Bancários de Brasília**